

Periferia na academia

Por que um álbum dos Racionais MC's foi parar na lista obrigatória de leitura da **Unicamp** ao lado de Camões e Ana Cristina Cesar

POR FELIPE FLORESTI

Gostem de rap ou não, as rimas desse gênero musical vão fazer parte do dia a dia de muitos estudantes no ano que vem. O álbum *Sobrevivendo no Inferno*, obra icônica dos Racionais MC's lançada em 1997, passou a fazer companhia aos sonetos do português Luís de Camões e aos versos marginais da carioca Ana Cristina Cesar na lista de leitura obrigatória da categoria de poesia para quem pretende ingressar na **Universidade de Campinas** em 2020.

Apesar da penetração sem precedentes, não é de hoje que acadêmicos de várias áreas se dedicam às letras do grupo da zona sul de São Paulo. A psicanalista Maria Rita Kehl, ainda em 1999, publicou o artigo *Radicais, Raciais, Racionais*. “Eles procuram ampliar a grande fratria dos excluídos, fazendo da ‘consciência’ a arma capaz de virar o jogo da marginalização”, escreveu Kehl.



Um reconhecimento que ainda hoje reverbera. “São o cânone do rap político brasileiro”, afirma à GALILEU Gabriel Gutierrez, cientista político e professor de produção cultural. “Todo mundo os cita. São aquele tipo de autores que você cita para dizer que está inserido na tradição.”

Entender a importância do álbum requer entender o papel da música na periferia. “O que para alguns estratos sociais é papel do jornalismo, da universidade, da ciência, da filosofia, para outros é a música”, diz Gutierrez. “É uma forma de filosofia. De como agir no mundo. Acho que os Racionais são uma etapa desse processo, que é ancestral. Uma leitura afrodiáspórica, periférica.”

Em suas composições, o grupo apresenta uma versão dos anos 1990, marcados pela precarização das condições de vida em que reinava o pensamento neoliberal, pela visão da periferia. “É riquíssimo do ponto de vista antropológico, sociológico, histórico, como também da linguagem, da narrativa, das experimentações estéticas”, afirma Roberto Camargos, historiador e autor do livro *Rap e Política: Percepções da Vida Social Brasileira* (Ed. Boitempo, 2015).

O disco de 1997 se diferencia dos anteriores muito mais por aliar estética a uma profundidade marcante de discurso do que por denunciar. “Usam personagens, vozes, metáforas e referências para falar da consciência da comunidade, promover valorização do lugar em que moram, autoestima para a condição dos negros e dos sujeitos periféricos. Uma proposta de saída ética existencial, de comportamento”, conclui Gabriel Gutierrez.

MULHERES DIFÍCIES

Nova minissérie da HBO promete explorar a experiência feminina

POR ISABELA MOREIRA

A escritora Gillian Flynn não gosta de superficialidade, ainda mais quando o assunto é a representação da mulher em suas obras. Conhecida por *Garota Exemplar*, best-seller que inspirou o filme dirigido por David Fincher, com Ben Affleck, a escritora adaptou para a televisão seu primeiro livro, *Objetos Cortantes* (Intrínseca, R\$ 39,90, 256 páginas).



Fig. CY

Na minissérie, que estreou no dia 8 deste mês na HBO, Amy Adams vive Camille, uma repórter que volta à sua cidade natal para investigar um crime ao mesmo tempo que precisa lidar com seus problemas psicológicos. O thriller aborda ainda uma questão maior: como o mundo trata as mulheres e as consequências que esse tratamento impõe em suas vidas.